

## Aspectos do pacto autobiográfico em “L'autobiographie en France”

Ana Amelia Barros Coelho Pace<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo percorre alguns aspectos do conceito de pacto autobiográfico presentes no livro *L'autobiographie en France* (1971), primeiro trabalho de Philippe Lejeune sobre a escrita autobiográfica. Dentre a variedade de textos em que o autor analisa, revê e discute o mecanismo do pacto, seu primeiro livro traz pontos relevantes para os estudos posteriores: a definição de autobiografia, as oposições entre autobiografia e romance, a dinâmica do contrato, bem como a relação entre o autobiógrafo, seu texto e o seu destinatário.

**Palavras-chave:** Pacto autobiográfico; Autobiografia; Literatura francesa; Crítica literária.

**RÉSUMÉ:** Cet article présente quelques aspects du concept de pacte autobiographique présents dans le livre *L'autobiographie en France* (1971), première étude de Philippe Lejeune autour de l'écriture autobiographique. Parmi la variété de textes dans lesquels l'auteur analyse, reformule et discute le mécanisme du pacte, son premier livre met en jeu des points importants pour les études postérieures : la définition de l'autobiographie, les oppositions entre autobiographie et roman, le fonctionnement du contrat, aussi comme la relation entre l'autobiographe, son texte et son destinataire.

**Mots-clés:** Pacte autobiographique; Autobiographie; Littérature française; Critique littéraire.

### **Introdução: o pacto no percurso de Lejeune**

Numa de suas formulações mais concisas, o pacto autobiográfico é “o engajamento de um autor em contar diretamente sua vida (ou uma parte, ou um aspecto de sua vida) num espírito de verdade”<sup>2</sup> (LEJEUNE, 2006, tradução minha). De qualquer forma, essa seria apenas uma das formulações possíveis para o pacto, assim como para definir um texto de natureza autobiográfica. Frente à multiplicidade de escritos autobiográficos e suas possíveis leituras, a construção teórica do pacto deixa lacunas e pontos de imprecisão, mostrando-se insuficiente.

---

1 Mestre pelo Programa de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês (FFLCH-USP). E-mail: [anameliacoelho@gmail.com](mailto:anameliacoelho@gmail.com).

2 “l'engagement que prend un auteur de raconter directement sa vie (ou une partie, ou un aspect de sa vie) dans un esprit de vérité” (LEJEUNE, 2006).

As citações encontram-se todas traduzidas para o português, mantendo, em nota de rodapé, o texto original. Quando possível, apresento tanto o trecho em sua tradução publicada para o português, como sua versão original, oferecendo ao leitor tanto o apoio da nossa língua como a possibilidade de comparar a tradução.

Por mais que o conceito seja recolocado em diversos pontos do percurso de Philippe Lejeune, dentre esses momentos de revisão, parecem destacar-se três marcos, como indicam três textos em que o termo *pacto* figura no título: “O pacto autobiográfico” (1975), “O pacto autobiográfico (bis)” (1986) e “O pacto autobiográfico, 25 anos depois” (2001). Eles estão, aliás, dispostos nessa ordem, abrindo a coletânea de seus estudos traduzidos para o português, oferecendo uma possibilidade de leitura “com o fim de dar conta da própria aventura teórica do autor, do alargamento de seu *corpus*, do que ele próprio denomina sua 'democratização' ” (NORONHA, 2008, p. 8).

Nessa perspectiva, pode-se observar no seu percurso intelectual uma dupla mudança de postura. A autobiografia é considerada inicialmente como um discurso literário, para depois ser tratada em suas variadas formas de manifestação – no campo dos estudos sociológicos, no cinema, nas artes plásticas, a escrita cotidiana de diários e correspondências, a prática de *blogs* na Internet, etc. Ao mesmo tempo, essa ampliação do objeto de estudos demanda outro tipo de abordagem, ela também cada vez mais autobiográfica – como observa Noronha, organizadora da edição, “em um estilo cada vez mais metafórico e subjetivo, assumindo a própria forma de seu objeto” (NORONHA, 2008, p. 10).

Ao aproximar-se de seu objeto de estudo, a escrita de Lejeune toma também a forma daquilo de que trata – ou seja, ele se torna cada vez mais autobiográfico, recuperando elementos presentes nas autobiografias. Dentre esses elementos, podemos citar a perspectiva subjetiva, por conta do emprego da primeira pessoa do singular; a parcialidade e a relativização das posturas tomadas; a possibilidade de colocações contraditórias; a retomada de textos escritos anteriormente; a relação com o próprio processo de escrita e o apelo ao leitor. Indo além: ao buscar, nos textos que analisa, pactos que permitissem uma leitura autobiográfica, Lejeune faz ele também pactos com seu leitor.

Logo, de um texto a outro, partiríamos de uma teorização mais formalista e normativa do pacto e de seu funcionamento em textos literários, para um relato dessa pesquisa, em que se relativizaria as posturas tomadas anteriormente. Noronha salienta que esse é um dos pontos de vista possíveis, mas de maneira alguma pode ser o único. Numa leitura atenta dos textos de Lejeune, ela percebe que, “já no 'Pacto', sua postura crítica se opõe [...] ao conservadorismo, ainda que seu interesse se restrinja às autobiografias de escritores consagrados” (NORONHA, 2008, p. 10). Essa afirmação me permite considerar que já as primeiras formulações do pacto

anunciam, em momentos pontuais, a ampliação do *corpus*, a “relativização” e a abordagem pessoal e subjetiva que pautam os textos seguintes.

Teríamos em mão mais de uma possibilidade de leitura das revisões do pacto: uma em que se percebe, de um estudo a outro, a adoção de uma perspectiva pessoal no tratamento do tema; outra em que, fusionando o exame objetivo e a abordagem relativista, percorre os textos percebendo essa dupla dimensão, desde os primeiros trabalhos.

Outro ponto de abertura, sobre o qual podemos nos apoiar, é dado por Lejeune, em “O pacto autobiográfico, 25 anos depois”. Já em seus momentos iniciais, ele aponta que o próprio título do ensaio deve ser retificado. Em suas palavras: “não são '25 anos depois', mas '30 anos depois'! A definição de autobiografia e a ideia de 'pacto' já eram centrais em meu primeiro livro, mas com outra função”<sup>3</sup> (LEJEUNE, 2008, p. 70). Portanto, seu primeiro estudo panorâmico sobre a produção autobiográfica em língua francesa, *L'autobiographie en France*, teria um papel importante para as formulações do pacto.

## 1. Definindo o pacto em *L'autobiographie en France*

A noção de pacto já estava presente em *L'autobiographie en France*, juntamente a uma definição para a autobiografia, apoiada sobre um apanhado histórico, a exposição de alguns problemas teóricos e de uma antologia de textos representativos.

Para realizar um estudo da autobiografia pelo viés literário, Lejeune começou pela constituição de um *corpus*, para em seguida passar à criação de definições e distinções, principalmente em relação à ficção em prosa. Era necessário constituir um repertório a partir do qual fosse possível construir um modelo teórico da autobiografia. Todavia, mais do que fundamentar a teoria, esse repertório guarda limitações e problemas de abordagem.

As autobiografias são textos que mimetizam “uma comunicação com a pessoa a quem se dirige o relato”<sup>4</sup> (LEJEUNE, 1998a, p. 16, tradução minha), comunicação que é assumida pelo próprio autor do texto. A “recorrência obstinada de um certo tipo de discurso dirigido ao leitor”<sup>5</sup> (LEJEUNE, 2008, p. 72, tradução minha), que ele reconheceu sob a forma de um

3 “Ce n'est pas 'vingt-cinq ans' mais 'trente ans après'! La définition de l'autobiographie et l'idée de 'pacte' étaient déjà au centre de mon premier livre, mais avec une autre fonction” (LEJEUNE, 2005, p. 11-12).

4 “ce type de récit mime une communication avec la personne à qui s'adresse le récit” (LEJEUNE, 1998a, p. 16).

5 “Dans ce travail, j'étais guidé par quelque chose d'essentiel: la récurrence obstinée d'un certain type de discours adressé au lecteur, ce que j'ai appelé le 'pacte autobiographique’” (LEJEUNE, 2005, p. 14).

pacto, foi o ponto essencial encontrado na leitura de seu *corpus*. Isso o leva a considerar, anos depois, que “não [teve] de inventar o pacto autobiográfico, uma vez que ele já existia, só [teve] de colecioná-lo, batizá-lo e analisá-lo”<sup>6</sup> (LEJEUNE, 2008, p. 72). Tratava-se então de um mecanismo que já se encontrava em ação nas autobiografias, mas que dependia do olhar crítico, da leitura analítica de uma série de textos (“coleccioná-lo”), para que então recebesse um nome (“batizá-lo”) e definições (“analisá-lo”).

Quanto aos textos lidos, ele apresenta um resultado de sua tentativa de constituição de um *corpus*, sob a forma de um repertório de autobiografias, uma bibliografia de textos críticos sobre o assunto, uma antologia de pactos (ou seja, trechos de autobiografias tidas como exemplares, encabeçadas por duas versões de preâmbulos às *Confissões* de Jean-Jaques Rousseau), assim como uma seleta de ensaios críticos, que discutem as noções de verdade e sinceridade, de escrita da vida e das relações entre a psicanálise e a autobiografia.

Já a respeito do nome, o pacto aparece como consequência da própria definição de autobiografia. Lejeune faz uso da definição do dicionário *Larousse*, que será retomada sem muitas modificações posteriormente, em *Le Pacte autobiographique*: “chamamos de autobiografia o relato retrospectivo em prosa que alguém faz de sua própria existência, quando coloca em destaque sua vida individual, em particular a história de sua personalidade”<sup>7</sup> (LEJEUNE, 1998a, p. 10, tradução minha). Por mais que ela tenha sido objeto de críticas e refutações, essa ainda continua sendo a definição mais utilizada para caracterizar um texto autobiográfico – mesmo que seja para, em seguida, demonstrar que há textos que escapam a ela.

A definição se desdobra em uma lista de condições que a autobiografia deve satisfazer para ser considerada como tal – por oposição a gêneros semelhantes, tais como as memórias, a correspondência, o autorretrato, a biografia, o diário íntimo, o romance, e textos em verso.

Dentre elas, a oposição entre autobiografia e romance apresenta mais dificuldades. Os procedimentos narrativos da ficção e do relato autobiográfico se assemelham, se copiam, transitam entre um gênero e outro. Numa análise estritamente interna, não haveria diferença entre uma autobiografia e um romance autobiográfico. Ele continua afirmando que “daí viria,

---

6 “Le pacte autobiographique, je n'ai donc pas eu à l'inventer, puisqu'il existait déjà, je n'ai eu qu'à le collectionner, le baptiser et l'analyser” (LEJEUNE, 2005, p. 14).

7 “nous appelons autobiographie le récit rétrospectif en prose que quelqu'un fait de sa propre existence, quand il met l'accent principal sur sa vie individuelle, en particulier sur l'histoire de sa personnalité” (LEJEUNE, 1998a, p. 10).

aliás, da parte dos autobiógrafos, a preocupação em estabelecer no começo do texto um tipo de 'pacto autobiográfico', com justificativas, explicações, notas prévias, declaração de intenção, todo um ritual destinado a estabelecer uma comunicação direta”<sup>8</sup> (LEJEUNE,

1998a, p. 17, tradução minha). A autobiografia seria introduzida por um discurso que apresenta o texto como um relato da história da personalidade de seu autor – sem esse discurso preliminar, um texto autobiográfico não se distinguiria de um texto ficcional. Nesse sentido, ele se constrói num paradoxo:

o autobiógrafo deve executar esse **projeto de uma sinceridade impossível**, servindo-se de todos os instrumentos habituais da ficção. Ele deve crer que há uma diferença fundamental entre a autobiografia e a ficção, ainda que, na verdade, para dizer a verdade sobre si mesmo, ele empregue todos os procedimentos de seu tempo<sup>9</sup> (LEJEUNE, 1998a, p. 17, grifo meu, tradução minha).

A oposição entre autobiografia e romance, presente logo nas primeiras páginas de *L'autobiographie en France*, alimenta ainda profundas discussões<sup>10</sup>. Pouco categórica, como aparentava ser, longe de ser resolvida facilmente, ela levanta cada vez mais ambiguidades. Nesse primeiro estudo, é preciso que o teórico coloque o “pacto autobiográfico” como ponto de contraste a um pacto de tipo “romanesco” (em que o relato é recebido como fictício, sem referência direta ao mundo referencial).

Em uma autobiografia, o pacto de sinceridade condicionaria um relato verossímil, o mais próximo possível de uma dada realidade referencial: “o relato autobiográfico é, em geral, próximo dos tipos de relato mais tradicionais, esses modos de narrativa que nos habituamos a

---

8 ‘D’où d’ailleurs, de la part des autobiographes, le souci de bien établir au début de leur texte une sorte de ‘pacte autobiographique’, avec excuses, explications, préalables, déclaration d’intention, tout un rituel destiné à établir une communication directe” (LEJEUNE, 1998a, p. 17).

9 ‘l’autobiographe doit exécuter ce projet d’une impossible sincérité en se servant de tous les instruments habituels de la fiction. Il doit croire qu’il y a une différence fondamentale entre l’autobiographie et la fiction, même si en fait, pour dire la vérité sur lui-même, il emploie tous les procédés de son temps” (LEJEUNE, 1998a, p. 17).

10 A discussão em torno das distinções entre romance e autobiografia, tanto no âmbito da produção como tomando a leitura, é fértil e produtiva, mas não poderemos explorá-la em detalhe neste trabalho. É possível aludir a uma longa tradição crítica, desde a *Poética* de Aristóteles, que Gérard Genette revisita em *Fiction et diction* (1991), reatualizando também as relações de identificação entre autor, narrador e personagem postas por Lejeune como elementos de leitura autobiográfica. Fora do campo do exercício ordinário da linguagem, a ficção está inserida no âmbito da arte – assim, a ficção não demanda o mesmo exercício de persuasão e defesa de um ponto de vista, como na dicção cotidiana (GENETTE, 1991, p. 19). Por outro lado, o discurso de ficção se compõe de elementos de natureza diversa, incluindo elementos da realidade (GENETTE, 1991, p. 60). Outro estudo de interesse é *Le propre de la fiction* (2001), de Dorrit Cohn, que, ao discutir as possibilidades das narrativas ficcionais em primeira pessoa, dialoga em certos momentos com a teoria de Lejeune, propondo outros traços distintivos para o romance e a autobiografia.

considerar não como relatos, mas como reflexo da realidade”<sup>11</sup> (LEJEUNE, 1998a, p. 25, tradução minha). Nesse sentido, essa escrita tomaria a forma dos modelos de relato tidos como “comuns”. Tendendo ao referencial, ela não criaria, mas refletiria algo já preexistente<sup>12</sup>. Assim, o trabalho estilístico e experimental com a linguagem, por exemplo, desviariam o texto do compromisso em representar a vida.

Como veremos, entre um romance e uma autobiografia, mudam as perspectivas do autor e do narrador em relação ao seu texto: o fato narrado do passado, a escrita feita no presente.

## 2. O pacto como ato de nascimento do discurso

Reforçando a caracterização do pacto, as distinções em relação à escrita ficcional são melhor delineadas. Isso porque o estatuto da autobiografia se sustenta na relação construída entre autor, narrador e leitor, mas também entre a esfera textual e a referencial, ao tocar numa referência externa ao texto, a pessoa. É a partir do funcionamento desse pacto entre o autobiógrafo e seu leitor, entre o texto e o que o rodeia, que se pode considerar a autobiografia.

Da parte do autobiógrafo, conta menos a exposição dos fatos vividos do que a disposição em elaborar uma escrita que transmita ao leitor as suas motivações em escrever sobre si. Seu texto ultrapassa a esfera referencial, em direção a uma esfera própria da escrita, buscando ali um novo nascimento, como expõe Lejeune no seguinte trecho:

---

11 “le récit autobiographique est en général proche des types de récit les plus traditionnels, ces modes de récit auxquels on est tellement habitué qu'on les prend non pour des récits, mais pour le reflet de la réalité” (LEJEUNE, 1998a, p. 25).

12 Como já foi comentado, há todo um debate entre os limites entre a escrita pessoal, referencial e o domínio da ficção, que, por questões de recorte, não poderá ser recuperado aqui em maior aprofundamento. Cabe salientar que o que denominamos, sumariamente, de “referencial”, é ele mesmo uma construção narrativa. A título de ilustração, podemos citar Silvia Molloy, em seu estudo sobre autobiografias hispano-americanas, *Salvo o escrito*. Em textos que oscilam entre o relato das experiências pessoais e o testemunho histórico, as cenas de leitura e de escrita presentes no texto autobiográfico levam a estudiosa a perceber que essas duas atividades desdobram-se, como que infinitamente, em outras experiências de linguagem. Dessa forma: “A vida é sempre, necessariamente, uma história; história que contamos a nós mesmos como sujeitos, através da rememoração; ouvimos sua narração ou a lemos quando a vida não é nossa. Portanto, dizer que a autobiografia é o mais referencial dos gêneros – entendendo por referência o remeter ingênuo a uma 'realidade' e a fatos concretos, verificáveis – é, em certo sentido, pôr a questão de maneira falsa. A autobiografia não depende de acontecimentos, mas da articulação desses eventos armazenados na memória e reproduzidos através da rememoração e verbalização. [...] A linguagem é a única maneira de que disponho para 'ver' minha existência. Em certo sentido, já fui 'contado' – contado pela mesma história que estou narrando” (MOLLOY, 2004, p. 19) .



Interrogar-se sobre o sentido, os meios e o alcance de seu gesto, eis o primeiro ato da autobiografia: frequentemente o texto começa, não pelo ato de nascimento do autor (nasci no dia...) mas por um tipo de ato de nascimento do discurso, o “pacto autobiográfico”. Nisso, a autobiografia não inventa: as memórias começam ritualmente por um ato desse gênero: exposição da intenção, das circunstâncias nas quais se escreve, refutação de objetivos ou de críticas. [...] Logo, a autobiografia interroga a si mesma; ela inventa a sua problemática e a propõe ao leitor. Esse “comportamento” manifesto, essa interrogação sobre o que se faz, não cessam uma vez o pacto autobiográfico terminado: ao longo da obra, a presença explícita (por vezes mesmo indiscreta) do narrador permanece. É aqui que se distingue a narração autobiográfica das outras formas de narração em primeira pessoa: uma relação constante é estabelecida entre o passado e o presente, e a escritura é colocada em cena<sup>13</sup> (LEJEUNE, 1998a, p. 49, tradução minha).

A autobiografia demanda da parte de seu autor, nesse sentido, uma postura diversa da escrita ficcional e mesmo do relato informativo. O pacto age como um elemento fundamental, em torno da qual ela gravitaria. Mais do que olhar para o passado, para recuperar lembranças daquele tempo, o autobiógrafo deve colocar-se como tal ao longo de todo o texto, evocando o presente de sua escrita, assumindo sua presença e questionando-se sobre os limites de seu empreendimento.

### **3. Um paralelo com a linguística da enunciação de Benveniste**

Ao considerar a autobiografia como um discurso que coloca em relação o *eu* com suas condições de escrita, frente as quais o autobiógrafo deve se justificar, Lejeune aproxima o pacto autobiográfico do “aparelho formal da enunciação” das investigações de Émile Benveniste. Pela enunciação, em que a língua é colocada em uso, desenham-se todas as circunstâncias dependentes do aqui-agora do locutor:

O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Eis um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz

---

13 “S'interroger sur le sens, les moyens, la portée de son geste, tel est le premier acte de l'autobiographie: souvent le texte commence, non point par l'acte de naissance de l'auteur (je suis né le... ) mais par une sorte d'acte de naissance du discours, le “pacte autobiographique”. En cela, l'autobiographie n'invente pas: les mémoires commencent rituellement par un acte de ce genre: exposé d'intention, circonstances où l'on écrit, réfutation d'objectifs ou de critiques. [...] L'autobiographie s'interroge donc fatalement sur elle-même; elle invente sa problématique et la propose au lecteur. Cette “conduite” affichée, cette interrogation sur ce qu'on fait, ne cessent pas une fois le pacte autobiographique terminé: tout au long de l'œuvre, la présence explicite (parfois même indiscreta) du narrateur demeure. C'est là qui distingue le récit autobiographique des autres formes du récit à la première personne: une relation constante y est établie entre le passé et le présent, et l'écriture y est mise en scène” (LEJEUNE, 1998a, p. 49).

com que cada instância do discurso constitua um centro de referência interna. Essa situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação<sup>14</sup> (BENVENISTE, 1974, p. 82, tradução minha).

Para o linguista, a experiência da subjetividade humana depende da inserção do *eu* em sua própria fala – por conseguinte, como locutor, esse *eu* dirige necessariamente seu discurso a um *tu*. É uma vivência da individualidade, dependente da existência de um outro: *eu* e *tu* são instâncias ao mesmo tempo apartadas e parceiras. Em torno desses dois elementos essenciais, outros componentes constituem as circunstâncias de enunciação: a partir do *eu* e do *tu*, desdobram-se todos os outros pronomes pessoais e demonstrativos; o sistema verbal ancorado no tempo presente em que se fala se desdobra no passado e no futuro. Aquele que fala pode lançar uma interrogação ou ordem, demonstrar asserções ou incertezas, a respeito das quais espera uma resposta da parte de seu interlocutor.

Retomando a questão autobiográfica sob a ótica da linguística da enunciação: o *eu* se constrói ao ser enunciado, referindo-se àquele que toma a palavra nesse discurso, dirigido a um outro. A autobiografia constrói não somente o *eu*, mas a *história desse eu*, ao evidenciar as condições do presente de seu discurso, um presente que se debruça sobre discursos passados, reatualizando-os e lançando-os para o futuro. O discurso toma o *eu* em seu nascimento, em sua formação, suas mudanças em relação ao tempo. O autobiógrafo ganha existência em seu próprio discurso.

Esse ato de nascimento possui a dinâmica de um contrato: aquele que escreve declara abertamente sua postura e rege igualmente a relação que deseja travar com seu leitor, modulando o relato que lhe dirige. Assim, Lejeune salienta que o pacto pode não necessariamente tomar a forma de um texto prévio ao relato:

o pacto autobiográfico pode ser, no plano explícito, um pacto moral de 'sinceridade': mas isso muitas vezes se traduz por um pacto implícito do autor com o leitor: o engajamento de não se distanciar demais de um tipo de relato 'verossímil'<sup>15</sup> (LEJEUNE, 1998a, p. 35, tradução minha).

---

14 'L'acte individuel d'appropriation de la langue introduit celui qui parle dans sa parole. C'est là une donnée constitutive de l'énonciation. La présence du locuteur à son énonciation fait que chaque instance du discours constitue un centre de référence interne. Cette situation va se manifester par un jeu de formes spécifiques dont la fonction est de mettre le locuteur en relation constante et nécessaire avec son énonciation' (BENVENISTE, 1974, p. 82).

15 'Le pacte autobiographique est peut-être, sur le plan explicite, un pacte moral de 'sincérité': mais cela se traduit le plus souvent par un pacte implicite de l'auteur avec le lecteur: l'engagement de ne pas trop s'éloigner du type de récit 'vraisemblable' ' (LEJEUNE, 1998a, p. 35).



Mais uma vez insistindo nas distinções da autobiografia em relação a uma narrativa ficcional, o pacto permeia o relato de maneira integral. O autobiógrafo, nesse sentido, deve “aceitar reduzir-se ao relato verossímil, pois qualquer distanciamento em relação a essa ficção que é o verossímil é considerada pelo leitor como uma passagem do natural à... ficção”<sup>16</sup> (LEJEUNE, 1998a, p. 35, tradução minha). Ambas as partes encontram-se implicadas num trabalho conjunto: o autobiógrafo transmite um relato fiel e ao mesmo tempo verossímil a respeito de si mesmo; o leitor acompanha esse relato, concordando com a proposta que lhe foi lançada, compreendendo suas dificuldades.

#### 4. Lugares-comuns de uma retórica da sinceridade

Mesmo submetendo-se ao pacto de verdade, Lejeune aponta que o autobiógrafo confronta uma série de problemas frente à escrita. Esses obstáculos à expressão pessoal figuram no próprio texto, funcionando como elementos auxiliares do pacto. Por conta de sua recorrência, em diversos elementos de seu *corpus*, Lejeune os caracteriza como “lugares-comuns da retórica da sinceridade” (LEJEUNE, 1998a, p. 50) – menos como estereótipos do que como referências partilhadas entre a leitura e a escrita de autobiografias.

O autobiógrafo coloca em cena o seu passado, desdobrando-se em narrador e personagem do relato que escreve. Nesse movimento, o narrador estabelece relações com seu personagem (com as lembranças e com sua figura do passado) e consigo mesmo (com a escrita no presente). Duas posições se alternam: a proximidade e o distanciamento.

Ao intensificar a proximidade, o narrador garante a identidade entre o *eu* do presente e o *eu* do passado: buscando as origens da situação atual, reconhecendo as fontes de sua personalidade, ele busca momentos decisivos, que demonstrem a continuidade de sentimentos, a intensidade das lembranças. Numa intenção de realçar a constância e a ausência de rupturas, a narrativa se constitui como o meio de apagar a distância temporal e a passagem do tempo.

Em postura contrária, manifesta-se a dificuldade do narrador em reconhecer-se em seu personagem. O narrador se situa distante em relação aos fatos vividos por ele; sua

<sup>16</sup> “accepter de se réduire au récit vraisemblable, tout écart par rapport à cette fiction qu'est le vraisemblable étant ressenti par le lecteur comme un passage du naturel à la... fiction” (LEJEUNE, 1998a, p. 35).

preocupação é explicar e justificar, sob o olhar do presente, suas ações do passado. Esse afastamento é reforçado pelo intervalo de tempo que separa o narrador adulto e o personagem criança: o mito da infância passa por um exame crítico, por exemplo, que busca ser esclarecido no plano intelectual.

Mesmo opostas, as duas posturas não se excluem, podendo intercalar-se, em episódios de nostalgia, simpatia, humor, ironia e repúdio – “esse jogo de distância (abolida ou medida) entre o narrador e o herói é visível sobretudo no relato de infância, no qual a diferença de idade torna a coisa natural”<sup>17</sup> (LEJEUNE, 1998a, p. 51, tradução minha). E talvez mesmo por conta desse jogo, Lejeune ressalta que muitas autobiografias dão maior atenção a esse período da vida – simultaneamente o ponto de origem e a referência longínqua, irrecuperável e fundamental à narração. Já com relação ao personagem adulto, a relação não é tramada com a proximidade e a distância – antes, o narrador busca observar-se escrevendo. Nessa relação do narrador consigo mesmo, é construída uma antecipação do olhar crítico do leitor.

O narrador analisa as suas escolhas: seguir a cronologia estrita ou caminhar em direção a uma estrutura temática, por exemplo. Num leque de possibilidades de narração, entre estruturas tradicionais e inovadoras, paira, sobre essa escrita, o fato de que o leitor crítico normalmente coloca em xeque o gênero autobiográfico, negando sua intenção de verdade. Como recurso de defesa, “o pacto autobiográfico, em vez de ser exposto em bloco no início, vai ressurgir naturalmente em todas as articulações importantes do relato”<sup>18</sup> (LEJEUNE, 1998a, p. 52, tradução minha), como uma peça de ligação que confere lógica, coerência e sentido ao empreendimento autobiográfico.

Desdobrado em crítico de seu próprio texto, o narrador reflete sobre os jogos da memória: a clareza e mesmo o excesso de detalhes de algumas lembranças; o ressurgimento misterioso, depois de tempos de esquecimento, de outras recordações; a dificuldade em recuperar detalhes sobre fatos importantes. Nesse panorama, as relações entre causa e efeito nem sempre são aparentes, em meio a fatos de uma vida que colocam o desafio de serem conciliadas numa narrativa linear.

---

17 “ce jeu sur la distance (abolie ou mesurée) entre le narrateur et le héros est surtout visible dans le récit d'enfance où la différence d'âge rend la chose naturelle” (LEJEUNE, 1998a, p. 51).

18 “le pacte autobiographique, au lieu d'être exposé en bloc au début, va resurgir naturellement à toutes les articulations importantes du récit” (LEJEUNE, 1998a, p. 52).

A persistência de episódios desconexos confere um caráter fragmentário e lacunar à autobiografia. Frente aos múltiplos desafios em constituir um relato compreensível para o leitor, o narrador vê-se impelido a justificar sua inevitável complexidade e desordem.

Em relação ao seu leitor, o narrador pode assumir variadas posturas, entre dois polos: o inconfessável e o indizível. Por um lado, ele se incumbe do projeto de tudo dizer, de revelar o que não foi dito antes, a ninguém. Lejeune destaca uma retórica da confiança, em que o narrador prepara o leitor para a revelação, justificando-se por meio de reticências, desculpando-se por seu exibicionismo. Do lado oposto, o narrador se bloqueia, silencioso, frente ao indizível, questionando-se sobre como exprimir algo que parece escapar à linguagem: sensações e experiências que se encontram no limite do incomunicável.

Mais uma vez, tomam o primeiro plano de uma autobiografia a situação, as circunstâncias e as motivações do ato de escrever no presente – pontos esses que se evidenciam, aos olhos do leitor, por meio de uma construção textual, pontual ou dispersa ao longo da autobiografia, reconhecida por Lejeune como um pacto. Via de regra, ela se sustenta por meio de um discurso sobre si mesma: “raras são as autobiografias que escolhem manter-se num puro relato, abstando-se de qualquer discurso autobiográfico”<sup>19</sup> (LEJEUNE, 1998a, p. 54, tradução minha). Todavia, esse discurso mostra-se parcial, incompleto, passível de refutações, que o autobiógrafo busca remediar. A dinâmica da identificação entre autor, narrador e personagem se reveste de um desdobramento crítico; como expõe Lejeune,

é o próprio autobiógrafo que criou e desenvolveu a problemática do gênero.[...] O pacto autobiográfico se alimenta das refutações que ele provocou. Seu objetivo é paralisar a crítica, ultrapassando-a: compreende-se que nesse jogo interessa mostrar-se tão ágil quanto ela<sup>20</sup> (LEJEUNE, 1998a, p. 55, tradução minha).

Assim, o pacto funciona como uma estratégia autorreflexiva do texto autobiográfico. O *eu* volta-se ao passado, em direção aos fatos que contribuíram à sua situação presente. Nesse movimento, ele projeta sua imagem fixada pela escrita em direção ao futuro, à leitura e à crítica.

---

19 “rares sont les autobiographies qui choisissent de s'en tenir à un pur récit, et s'abstiennent de tout discours autobiographique” (LEJEUNE, 1998a, p. 54).

20 “C'est donc l'autobiographe lui-même qui a créé et développé la problématique du genre : la critique joue un rôle assez secondaire. [...] Le pacte autobiographique se nourrit des réfutations qu'il a provoquées. Son but est de paralyser la critique en la devançant: on comprend qu'à ce jeu il ait intérêt à se montrer aussi agile qu'elle” (LEJEUNE, 1998a, p. 55).

## 5. *L'autobiographie en France, antes e depois*

*L'autobiographie en France* dá conta das mudanças por que passou o estudo de Lejeune, como pode ser visto em sua própria composição. Isso porque, fundamentalmente, o livro possui duas edições: depois de esgotada a primeira, de 1971, ganhou uma reedição quase 30 anos depois, em 1998. De maneira geral, ao longo do tempo, o livro muda de função, mudança essa que justifica a sua reedição.

Entre uma edição e outra, um número considerável de autobiografias e estudos críticos são produzidos, fato que demanda uma atualização da segunda parte do livro – que, junto à coletânea de pactos autobiográficos e textos críticos, traz um “repertório para servir à história da autobiografia na França”, uma extensa bibliografia dos textos autobiográficos em francês. Organizados por época de nascimento, figuram alguns exemplos anteriores a Rousseau, de modo a esboçar uma pré-história do gênero. É feita uma divisão em duas partes: autobiógrafos nascidos até 1885, e depois dessa data até o momento presente. As duas divisões apresentam limites: algumas autobiografias anteriores a 1885 foram descobertas no período que separa as duas edições (1971 e 1998); já no caso das autobiografias mais recentes, Lejeune identifica problemas em mapear a produção contemporânea.

O estudioso justifica a inclusão de textos publicados depois de 1971, que, quer encaixando-se nos parâmetros estabelecidos por ele naquele momento, seja escapando a eles, são considerados autobiografias. Ao apresentar a reedição, é feito um breve balanço do período que separa a primeira edição da segunda: “a partir de 1971, a paisagem autobiográfica se transformou”<sup>21</sup> (LEJEUNE, 1998a, p. 93, tradução minha).

Roland Barthes, Alain Robbe-Grillet<sup>22</sup>, Nathalie Sarraute<sup>23</sup>, os membros da OuLiPo<sup>24</sup> Georges Perec e Jacques Roubaud<sup>25</sup>, Serge Doubrovsky<sup>26</sup> e Michel Leiris<sup>27</sup> são alguns dos autores que ampliaram os horizontes e levaram a distâncias maiores as potencialidades da

21 “Depuis 1971, le paysage autobiographique français s'est transformé” (LEJEUNE, 1998a, p. 93).

22 Alain Robbe-Grillet (1922-2008), um dos principais escritores vinculados ao *Nouveau roman*, publicou entre 1985 e 1994 uma trilogia autobiográfica, sob o título *Romanesques*.

23 De maneira semelhante a Robbe-Grillet, Nathalie Sarraute (1900-1999), escritora francesa de origem russa, tem seus textos muitas vezes relacionados ao *Nouveau roman*. *Infância* (1983), coloca em jogo duas vozes em diálogo, que rememoram, em fragmentos, episódios do aprendizado da linguagem de uma criança imigrante russa.

24 OuLiPo é grupo que propõe novos meios de produção literária, a partir do trabalho em torno de restrições formais, regras que conduziram o trabalho de escrita. Desvinculado de uma suposta inspiração abstrata, o escritor deveria explorar as possibilidades criadoras em regras matemáticas, por exemplo. Site oficial do grupo: <http://www.ouliipo.net>.

autobiografia. Ainda assim, interessa observar que as obras a que ele se refere não são necessariamente autobiografias declaradas, da parte de seus autores. Alguns deles recusam o rótulo de “autobiografia”, como Sarraute<sup>28</sup>, ou propõem uma “nova autobiografia”<sup>29</sup>, como Robbe-Grillet. As obras dos autores levantados são antes explorações das possibilidades de uma escrita que joga com as instâncias ficcionais e referenciais, com contratos de leitura mistos ou variáveis.

Ainda assim, Lejeune afirma que, graças a esses nomes, “muito mais claramente do que em 1971, hoje é evidente que a autobiografia pode ser uma arte”<sup>30</sup> (LEJEUNE, 1998a, p. 94, tradução minha). E não somente na escrita autobiográfica: a nova bibliografia reúne um grande número de estudos que demonstram “a prodigiosa explosão teórica e crítica do último quarto de século”<sup>31</sup> (LEJEUNE, 1998a, p. 112, tradução minha), da qual fazem parte trabalhos de Genette, Doubrovsky, Michel Beaujour<sup>32</sup>, entre outros.

Mesmo frente à atualização da bibliografia e com a reflexão a respeito das mudanças no gênero, a obra de 1971 mantém suas limitações, que os estudos posteriores procuraram remediar. Em sua análise retrospectiva “O pacto autobiográfico, 25 anos depois”, Lejeune

---

25 Jacques Roubaud (1932- ), um dos principais membros do OuLiPo em atividade. Além do trabalho como matemático e poeta, pode-se destacar o desenvolvimento de uma série de escritos em que se discute a memória e a autobiografia, em grande parte reunida em *Le grand incendie de Londres*.

26 Escritor e professor universitário, Serge Doubrovsky (1928- ) é conhecido pelo termo *autoficção*, cunhado para caracterizar sua obra *Fils*.

27 Primeiramente vinculado ao movimento surrealista como poeta, Michel Leiris (1901-1990) desenvolve a partir da década de 1930 uma carreira de pesquisador em etnologia. Em paralelo, empreende um vasto projeto autobiográfico, do qual se destacam seus diários (como *África fantasma*, de sua expedição pelo continente africano), o relato autobiográfico *A idade viril* e a série de escritos reunidos sob o título de *La règle du jeu* (na ordem de publicação, *Biffures*, *Fourbis*, *Fibrilles* e *Frêle bruit*).

28 Essa recusa em declarar *Infância* como uma autobiografia pode ser observada em diversos textos e entrevistas de Sarraute, algumas das quais comentadas por Lejeune (1998b, p. 264).

29 Como ele mesmo afirma no seguinte trecho: “se existe um 'novo romance', deve existir alguma coisa como uma 'nova autobiografia' que fixaria sua atenção sobretudo em torno do trabalho operado a partir de fragmentos e faltas, mais do que em torno da descrição exaustiva e verídica de tal ou tal elemento do passado, que seria somente traduzido”. No original: “S’il existe un 'nouveau roman', il doit exister quelque chose comme une 'nouvelle autobiographie' qui fixerait en somme son attention sur le travail même opéré à partir de fragments et de manques, plutôt que sur la description exhaustive et véridique de tel ou tel élément du passé, qu’il s’agirait seulement de traduire” (ROBBE-GRILLET, 1991, p. 50).

30 “beaucoup plus clairement qu’en 1971, il apparaît aujourd’hui que l’autobiographie peut être un art” (LEJEUNE, 1998a, p. 94).

31 “la prodigieuse explosion théorique et critique du dernier quart de siècle” (LEJEUNE, 1998a, p. 112).

32 Em *Miroirs d'encre*, Beaujour busca consolidar traços próprios ao autorretrato, como discurso distinto da autobiografia. Grosso modo, o estudioso contrapõe o caráter narrativo de um texto autobiográfico, à construção temática, lógica, metafórica ou poética dos autorretratos. Assim, a autobiografia obedece uma organização sintagmática, enquanto que o autorretrato tem uma construção paradigmática (BEAUJOUR, 1980, p. 9).

aponta as carências e cegueiras presentes nesse estudo normativo, suas “fórmulas brutais” e “definições afiadas”, das quais ele se mostra espantado ou mesmo envergonhado.

Dentre elas, chama a atenção a ausência de exame da definição para a autobiografia, que serve à confirmação de um modelo para o gênero, à constituição de um *corpus* em torno da escrita de Rousseau. Outro ponto é a oposição sistemática entre ficção e autobiografia, que, ao invés disso, poderiam ser tomadas como formas particulares de narrativa. Nessa mesma perspectiva, não são feitas considerações a respeito dos meios de estabelecimento do pacto. Mas, sobretudo, sua colocação de que seria “improvável que existam boas autobiografias inéditas escritas por desconhecidos” (LEJEUNE, 2008, p. 75) contradiz todo o seu trabalho posterior, em torno da escrita pessoal cotidiana, da publicação das memórias de seu bisavô e da Associação pela Autobiografia (APA)<sup>33</sup>, que ele ajudou a fundar anos depois.

De toda forma, os equívocos do passado não são de todo refutados, mas servem de baliza para a prosseguir a trajetória intelectual: “quero permanecer móvel. Sem no entanto deixar de ser fiel ao que já escrevi: não renego nada – salvo alguns erros de juventude em *L'autobiographie en France* (ver p. 16-18). A mudança se faz por acréscimo, aprofundamento, ampliação”<sup>34</sup> (LEJEUNE, 2005, p. 247, tradução minha). Lendo esse estudo, ele se percebe um pesquisador dando os primeiros passos num novo terreno, movido, apesar de tudo, pela “audácia da juventude [...], [abrindo] caminho para reflexões mais aprofundadas” (LEJEUNE, 2008, p. 76). As asserções “ingênuas, ou ultrapassadas” (LEJEUNE, 1998a, p. 5) contrastam com pontos de tensão que serão desenvolvidos posteriormente, e que mantêm sua relevância.

Por conta dessa caracterização forte e ambígua, *L'autobiographie en France* chama a atenção. Se entre uma edição e outra houve mudanças consideráveis na produção literária, que repercutem certamente nas leituras críticas do gênero autobiográfico, bem como na sua própria postura, o que justificaria sua reedição, passível de parcialidades e incorreções? Lejeune prioriza menos a precisão e a perenidade de suas classificações do que a manutenção do diálogo que um texto pode travar entre autor e leitor. É isso o que o leva a anunciar, na apresentação redigida em 1998, que:

---

33 Em 1991, Lejeune participa da fundação da Association pour l'autobiographie et le patrimoine autobiographique (APA) [Associação pela autobiografia e o patrimônio autobiográfico], em Ambérieu-en-Bugey, França. Seus objetivos principais são acolher, arquivar e preservar escritos autobiográficos de todo e qualquer interessado, permitindo que sejam lidos e comentados.

34 “Je veux rester mobile. Sans cesser pour autant d'être fidèle à ce que j'ai écrit: je ne renie rien – sauf quelques erreurs de jeunesse dans *L'autobiographie en France* (voir p. 16-18). Le changement se fait par ajout, approfondissement, élargissement” (LEJEUNE, 2005, p. 247).



este livro será reproduzido inalterado, com uma informação atualizada. Uma teoria pode estar ultrapassada, uma ideologia, fora de moda. Mas a interrogação, eu espero, mantém suas virtudes, e o estudante de hoje poderá refazer comigo o trajeto de descoberta<sup>35</sup> (LEJEUNE, 1998a, p. 5, tradução minha).

Lendo o trecho acima nas considerações iniciais do livro, assumo esse texto em primeira pessoa como um pacto que o crítico lança para mim. Assim, vendo-me na posição de “estudante de hoje”, decido refazer, acompanhada de Lejeune, o seu percurso inicial de pesquisa em torno do gênero autobiográfico, pesquisa que de alguma forma é também minha.

Estamos, Lejeune, em 1971 e eu, anos e anos depois, em posições muito semelhantes, frente a tarefa de sistematizar e apresentar suas pesquisas, refazendo esse trajeto de descoberta. Com algumas diferenças: lá, ele partia de uma situação de carência de estudos críticos sobre o gênero autobiográfico, como ele mesmo coloca. Por outro lado, hoje dispomos de outras leituras e de uma paisagem em que a autobiografia se manifesta das mais variadas formas; “não, hoje não se parte mais do zero”<sup>36</sup> (LEJEUNE, 1998a, p. 5, tradução minha). Conhecemos, sobretudo, a primeira teorização do pacto e seus desdobramentos. Tendo-os em mente, é possível explorar o livro e como ele se organiza, buscando marcas do pacto (corrigido, atualizado, relativizado) em estado latente. Ademais, o livro se oferece como um documento de um período crítico, como um estudo de uma fase inicial de seu percurso.

Assim, *L'autobiographie en France* permite uma leitura dupla: por um lado, como ponto de partida para as teorizações do pacto (em que equívocos e colocações parciais contrastam com a “abertura” e a “democratização” das abordagens posteriores); por outro lado, o livro não é somente um estudo superado sobre o assunto (como exposto, ele levanta pontos relevantes, continuando a participar dos debates em torno da escrita autobiográfica).

### **Considerações finais**

Por um lado podemos perceber que, com o passar do tempo, a postura crítica de Lejeune sofre mudanças – uma observação nossa, fruto de uma leitura diacrônica: partindo dos

---

35 “ce livre sera reproduit à l'identique, avec une information actualisée. Une théorie peut être dépassée, une idéologie, démodée. Mais l'interrogation, je l'espère, garde ses vertus, et l'étudiant d'aujourd'hui pourra refaire avec moi ce trajet de découverte” (LEJEUNE, 1998a, p. 5).

36 “non, aujourd'hui on ne part plus de zéro” (LEJEUNE, 1998a, p. 5).

primeiros estudos normativos, em direção à crítica de caráter autobiográfico. Por outro, mesmo seus primeiros estudos carregam contradições e marcas de subjetividade – que se podem tornar-se visíveis numa leitura predominantemente sincrônica.

Sem deixar de lado nem um modo de leitura nem outro, o objetivo foi colocar em evidência essa ambiguidade, que constitui tanto a autobiografia quanto o próprio conceito de pacto, como na formulação de Sophie Rabau: “o próprio Lejeune mostra bem que a sinceridade autobiográfica não passa do resultado de um pacto dos mais convencionais”<sup>37</sup> (RABAU, 2008, tradução minha). A construção de um discurso de verdade individual implica na observância de regras e convenções, mesmo que seja para colocá-las em xeque – tensão que reverbera no discurso crítico.

Mesmo assim, nessa sobreposição de textos, leituras e releituras (sejam as de Lejeune, que faz de seus próprios textos, seja da minha), devemos considerar que a busca em esclarecer e redefinir o pacto é uma tarefa inacabável, sempre a recomençar. E talvez aí resida o funcionamento do pacto, em seu poder incessante de mover leituras e escritas.

---

37 “Lejeune lui-même montre bien que la sincérité autobiographique n'est que le résultat d'un pacte des plus conventionnels” (RABAU, 2008).

## Referências

- BEAUJOUR, Michel. *Miroirs d'encre: rhétorique de l'autoportrait*. Paris: Seuil, 1980.
- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale II*. Paris: Gallimard, 1974.
- COHN, Dorrit. *Le propre de la fiction*. Trad. de Claude Hary-Schaeffer. Paris: Seuil, 2001.
- GENETTE, Gérard. *Fiction et diction*. Paris: Seuil, 1991.
- LEJEUNE, Philippe. *L'autobiographie en France*. 2. ed. Paris : Armand Colin, [1971] 1998a.
- \_\_\_\_\_. *Les Brouillons de soi*. Paris: Seuil, 1998b.
- \_\_\_\_\_. *Signes de vie. Le pacte autobiographique 2*. Paris: Seuil, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Qu'est-ce que le pacte autobiographique?* 2006. Disponível em: <[http://www.autopacte.org/pacte\\_autobiographique.html](http://www.autopacte.org/pacte_autobiographique.html)>. Acesso em: 11 jan. 2010.
- \_\_\_\_\_. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica*. Trad. Antônio Carlos Santos. Chapecó: Argos, 2004.
- NORONHA, Jovita Maria Gernheim. “Apresentação”. In: LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 7-10.
- RABAU, Sophie. *Atelier de théorie littéraire : La notion de case aveugle chez P. Lejeune*. 2008. Disponível em: <[http://www.fabula.org/atelier.php?La\\_notion\\_de\\_case\\_aveugle\\_chez\\_P\\_Lejeune](http://www.fabula.org/atelier.php?La_notion_de_case_aveugle_chez_P_Lejeune)>. Acesso em: 1 set. 2009.
- ROBBE-GRILLET, Alain. “Je n'ai jamais parlé d'autre chose que de moi”. In: CONTAT, Michel (org.). *L'auteur et le manuscrit*. Paris: PUF, 1991.